

NOVAS PERSPECTIVAS NO ENSINO DA GRAMÁTICA E SUAS CONTRADIÇÕES NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Luciene Barbosa de Souza* 

José Antônio Jakson Paiva dos Santos¹ 

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a realidade do ensino/aprendizagem das aulas de gramática nas instituições de ensino fundamental, médio e superior das cidades de Serra Talhada - PE e Santa Cruz da Baixa Verde - PE, analisando o porquê se têm maus resultados no ensino da gramática tradicional, observando se esse fator acontece devido ao ensino voltado somente para o uso de regras. Para analisar as aulas de gramática e conseguir obter os resultados esperados foi aplicado um questionário a alunos e professores do ensino fundamental e médio da rede pública e particular, assim como a alunos e professores do curso de Licenciatura em Letras. Após o preenchimento dos questionários com o público almejado, foi feita a análise de todas as respostas e fundamentadas com teorias do ensino da gramática. Dentre os autores analisados pode-se citar: Irandé Antunes, Travaglia e Bagno. Com base no estudo realizado aspecto apontado e discutido pode-se dizer que o ensino de gramática ainda se apresenta como um grande desafio, mesmo que tais profissionais tenham formação adequada para tal. Assim como observou-se que os alunos têm dificuldade com a gramática normativa. Alguns até conseguem identificar as regras e suas funções, porém não conseguem aplicá-las no cotidiano e nas produções de texto de forma eficiente e eficaz.

Palavras-chave: Gramática; Ensino-Aprendizagem; Letras; Linguística.

NEW PERSPECTIVES ON GRAMMAR TEACHING AND ITS CONTRADICTIONS IN TRADITIONAL GRAMMAR

Abstract: This research aims to reflect on the reality of teaching/learning grammar classes in elementary, secondary and higher education institutions in the cities of Serra Talhada - PE and Santa Cruz da Baixa Verde - PE, analyzing why there are bad results in the teaching traditional grammar, observing if this factor happens due to teaching focused only on the use of rules. In order to analyze grammar classes and obtain the expected results, a questionnaire was applied to students and teachers of elementary and high schools in the public

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Letras da Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada (FAFOPST), Serra Talhada, Brasil. E-mail joseantonio-128@hotmail.com

* Autora correspondente

Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestre em Linguística pelo mesmo programa. Docente do Curso de Licenciatura em Letras da Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada (FAFOPST), Serra Talhada, Brasil. E-mail: lucienbarbosat@gmail.com

Submissão: 01/03/2022

Aceite: 10/03/2022

Como citar:

SOUZA, L. B. De; SANTOS, J. A. J. P. dos. Novas perspectivas no ensino da gramática e suas contradições na gramática tradicional. *Docent Discunt*, v. 3, p. 79-95, 2022. DOI: <https://doi.org/10.19141/2763-5163.docentdiscunt.v3.n1.p79-95>

and private network, as well as to students and teachers of the Licentiate in Modern Languages course. After completing the questionnaires with the target audience, all responses were analyzed and based on grammar teaching theories. Among the authors analyzed, we can mention: Irandé Antunes, Travaglia and Bagno. Based on the study carried out, the aspect pointed out and discussed, it can be said that the teaching of grammar still presents itself as a great challenge, even if such professionals have adequate training to do so. It was observed that students have some difficulty with normative grammar. Some even manage to identify the rules and their functions, but they cannot apply them in everyday life and in text productions efficiently and effectively.

Keywords: Grammar; Teaching-Learning; Language; Linguistics.

O ensino da gramática começa desde o ensino fundamental, nas séries iniciais, e acompanha o indivíduo até o restante da sua vida acadêmica, sendo que o professor de língua portuguesa é o mediador para desenvolver a competência comunicativa do aluno. Há muitas discussões sobre o ensino de língua portuguesa em nosso país, mas infelizmente o ensino que se tem hoje de gramática é considerado arcaico devido ao uso de métodos sem nenhuma significação ou aplicabilidade na vida dos educandos, que, quase sempre, não conseguem estabelecer relações entre teoria gramatical e a prática de texto.

Por esse motivo, há uma grande preocupação em relação ao ensino da gramática e ao desempenho escolar dos alunos, pois, segundo pesquisas educacionais, como o [Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica \(Saeb\)](#), a maioria dos discentes estão saindo da escola sem desenvolver as competências de leitura e escrita. Tomando como exemplo a mesma avaliação, no ano de 2015, a pior nota foi no ensino médio, durante o qual, apesar de a nota em português ter subido de 264 para 267 pontos, a faixa de conhecimento dos estudantes ainda está abaixo do nível de 300 pontos, que é considerado o adequado pelo Movimento Todos pela Educação.

Antes dessa faixa, os alunos podem ter problemas, por exemplo, para localizar informações importantes implícitas em um texto. Já no período de 6º a 9º anos, houve uma melhoria em relação ao período de estagnação apresentado nas edições passadas. A nota de português subiu de 246 para 252; o nível considerado adequado, no entanto, é de 275 para português. Percebe-se, assim, que houve uma pequena melhoria se comparada a outras avaliações, porém, mesmo assim, ainda há uma grande dificuldade na língua portuguesa e que precisa ser melhorada, pois a nota não está de acordo com a meta prevista pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

No livro *Aula de português: encontro e interação*, de [Irandé Antunes \(2003, p. 31\)](#), a autora explica que os professores usam uma didática inadequada e não ensinam a língua e seu funcionamento, mas sim apenas exploram o ensino de “uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isolada, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função: frases feitas para servir de lição, para virar exercício”. Percebe-se que a escola faz uso de uma gramática totalmente descontextualizada e com apenas uma intenção: repudiar a língua, mostrando aquilo que esteja certo ou errado sem se preocupar com a ação comunicativa dos falantes.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é verificar as abordagens utilizadas por professores e alunos de escolas públicas e privadas em turmas do ensino fundamental e médio, assim como a alunos e professores do curso de licenciatura em letras, quais metodologias estão sendo usadas em suas aulas e apontar sugestões através de uma oficina de como se deve ensinar a gramática. Para o alcance dos objetivos, foram utilizados questionários relacionados com a prática de ensino, métodos e abordagens usadas por eles, e para os alunos perguntas sobre como eles adquirem o ensino da gramática. Pretende-se também entender e verificar se o ensino de gramática é realizado de modo contextualizado ou prescritivo; refletir e realizar discussões sobre a importância da gramática contextualizada, mas sem descartar a gramática normativa, que trabalha as regras, porque sem regras um sistema não funciona.

A justificativa parte das necessidades encontradas nas salas de aulas nos momentos em que se explora a oralidade e a escrita, e percebe-se que os alunos encontram muitas dificuldades e, na maioria das vezes, não realizam as atividades por não desenvolver as competências devidas como consta nos Parâmetros curriculares Nacionais (PCN's). O artigo está dividido em duas seções, para que haja uma melhor compreensão. Inicialmente foi abordado um pouco da origem e histórico da gramática, e posteriormente são trazidas sugestões de como melhorar a situação em pauta e a importância de se ter uma gramática contextualizada a fim de poder acompanhar o trabalho desenvolvido pelos professores nas escolas.

Breve Histórico da Gramática

Para entender como deve acontecer o ensino da gramática, para poder criticá-la e analisá-la, é necessário que se conheça sua origem, como ela surgiu e quais são os seus principais tipos. A gramática, tal como é praticada atualmente, teve origem dois séculos antes da era cristã, na escola de Alexandria, sendo os gregos os primeiros a se dedicarem ao estudo gramatical e às suas estruturas gramaticais com o objetivo de preservar a pureza da língua grega, que estava sendo contaminada por barbarismos.

Nota-se que a gramática surgiu como uma forma de combater os barbarismos e manter a língua, a fim de que ela não se modificasse. Como afirma [Bagno \(1999, p. 56\)](#).

Quando o estudo da gramática surgiu, no entanto, na antiguidade clássica, seu objetivo declarado era investigar as regras da língua escrita para poder preservar as formas consideradas mais “corretas” e “elegantes” da língua literária. Aliás a palavra gramática, em grego, significa exatamente “a arte de escrever”.

De acordo com [Travaglia \(2006\)](#), há três concepções de gramática, que são usadas como um manual de regras dos falantes. A primeira concepção é a gramática normativa, que segundo [Travaglia \(2006, p. 24\)](#), é um sistema de regras que deve ser seguido por quem deseja falar e escrever bem. Isso quer dizer que uma vez que se deixa de fazer o uso certo dessas regras, está fugindo do padrão estabelecido pela norma culta da língua, o que é considerado como “erro”. Essa concepção é a que está nos livros e a que é

usada na maioria das escolas, buscando-se ditar as regras gramaticais de uma língua, uma vez que esta é considerada a única forma correta e as outras formas são categorizadas como erradas.

A segunda concepção é a gramática descritiva, a qual tem como função analisar um conjunto de regras que são seguidas, considerando as variações linguísticas da língua ao investigar seus fatos, extrapolando os conceitos que definem o que é certo e errado em nosso sistema linguístico. Conforme [Travaglia \(2006, p.32\)](#), “ao contrário do que diz a abordagem da gramática normativa, tem como função descrever e registrar as variedades da língua em um dado momento de sua existência, estudando os seus mecanismos, construindo hipóteses que expliquem seu funcionamento”.

A terceira concepção é a gramática internalizada, formada por regras internalizadas com as quais, segundo os gerativistas, já se nasce e se desenvolve ao longo do tempo. De acordo com [Luft \(2008, p. 34\)](#), esse conjunto de regras, o qual denomina de saber linguístico, existe graças à convivência linguística que o falante adquire em uma comunidade. Para [Travaglia \(2006, p. 29\)](#), “não há erro linguístico nessa concepção de gramática, mas sim o uso inapropriado de interação de situações comunicativas por não atender às normas sociais de uso da língua”.

Dentre os estudos feitos na língua portuguesa, pode-se observar que existem muitas concepções de gramática. Para o embasamento desta pesquisa utilizou-se apenas de três abordagens de gramática. Como citado acima, as gramáticas descritiva e normativa se preocupam apenas em descrever regras e conceitos, além de verificar o que está de acordo com a norma padrão da língua. Mas a gramática que necessita ser usada em sala de aula é a contextualizada, que ampliará a competência do aluno, fazendo com que ele se aproprie da sua língua materna e faça o uso consciente e adequado.

Diante disso, nota-se que a gramática nada mais é do que a ciência que estuda os elementos de uma língua e que o termo gramática deriva do latim *grammatica*, que significa a arte de falar e escrever uma língua de forma correta, tendo prioridade em seu uso.

O ensino de gramática nas escolas

O ensino de gramática, sem a menor dúvida, deve ser aplicado de forma conjunta nas aulas de língua portuguesa, e não de forma individual como tem sido feito em algumas escolas, uma vez que a gramática isolada não ensina o aluno a ler, falar e escrever. Infelizmente, o ensino de gramática, quando aplicado de forma errônea, principalmente no ensino fundamental e médio, não amplia o conhecimento da língua e acaba assustando os alunos e incorporando medo e perspectivas negativas. Partindo desse pressuposto, [Travaglia \(2006, p. 101\)](#) diz que:

O ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, apegando-se a regras de caráter normativo que, como vimos, são estabelecidas de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos. Tais regras e exemplos são repetidos anos a fio como formas “corretas” e boas a serem imitadas na expressão do pensamento.

A gramática é incorporada em algumas escolas como uma disciplina isolada, como algo que se preocupa apenas em descrever e prescrever regras, sem a preocupação de analisá-las. O que se percebe em algumas escolas são alunos que são usuários da língua, mas a tratam como se fosse uma segunda língua, não tendo domínio da própria língua. Em qual realidade vivemos se não temos domínio da nossa própria língua?

Para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber apenas as regras específicas da Gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outras. Tudo é necessário, mas não é suficiente ([ANTUNES, 2003, p. 41](#)).

Os alunos não necessitam saber explicar a finalidade da regra, porque em alguns casos isso já é implícito, o falante já tem domínio. A finalidade da aula de gramática é ampliar esse saber implícito, enriquecendo-o, a fim de que gere um saber explícito da língua materna.

Quando um professor se queixa de que “os alunos chegam ao ensino fundamental e não conhecem as regras de ‘gramática”, evidentemente, está se referindo a uma outra gramática, fora dessa primeira acepção, pois esta já se encontra consolidada e pelo resto da vida. Quando outro professor fala na “obrigatoriedade do uso da gramática” também está falando de outra gramática. É que, nesse primeiro sentido, não se trata de obrigatoriedade. A gramática é constituída de língua, quer dizer: faz a língua ser o que é. Nunca pode ser uma questão de escolha, algo que pode ser ou deixar de ser obrigatório. Simplesmente é, faz parte. Nem requer ensino formal ([ANTUNES, 2003, p. 27](#)).

Diante do que foi exposto, não resta dúvidas de que a gramática normativa deve ser ensinada, mas não isoladamente, porque uma vez ensinada dessa forma, não influenciará em nada na vida dos discentes. É preciso concretizar esse ensino, tirando o desinteresse dos alunos pela língua, a fim de que eles tenham um maior interesse em aprender e entender o ensino ministrado de gramática.

Em síntese, a gramática da língua vai sendo aprendida naturalmente, quer dizer, na própria experiência de se ir fazendo tentativas, ouvindo e falando. Não há um momento especial nem uma pessoa específica destinada ao ensino dessa gramática. Ela vai sendo incorporada ao conhecimento intuitivo, pelo simples fato de a pessoa estar exposta à convivência com os outros, a atividades sociais de uso da língua, das conversas familiares às atuações mais tensas e formais. Ou seja, essa gramática está inerentemente ligada à exposição da pessoa aos usos da língua. A escola virá depois; para ampliar ([ANTUNES, 2003, p. 29](#)).

Esse processo de aprendizagem inclui inúmeros aspectos, conforme defendido por [Antunes \(2003, p. 23\)](#):

É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarem na língua muito mais elementos dos simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como “mudanças”, são percebidas como erros.

Os professores devem trazer para suas aulas conteúdos mais reflexivos e com a presença de contextualização, para que o aluno amplie o seu conhecimento linguístico e possivelmente amplie a sua competência comunicativa. Faz-se necessário estabelecer uma relação da teoria gramatical com a prática de texto.

A importância da gramática contextualizada

Para que o ensino da gramática seja eficaz, é necessário que aconteça de forma contextualizada, quebrando o didatismo empregado na realidade que se vive. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Educação Básica do Estado de Pernambuco, “a língua somente poderá ser entendida como uma ação contextualizada e historicamente situada; sempre inserida numa situação particular de interação e, portanto, nunca inteiramente despregada das condições concretas de uma determinada prática social, não podendo, assim, ser avaliada senão em situação”.

Dessa forma, não se pode trabalhar a gramática de maneira isolada, deve-se adequá-la à realidade na qual o aluno está inserido, trazendo situações que são vivenciadas no dia a dia, para que eles compreendam o porquê de estudar a gramática. Não se trata de aboli-la, porque sem regras um sistema não funciona. Conforme [Antunes \(2003, p. 30-80\)](#) menciona:

A gramática nunca pode ser retirada da língua [...]. Ela está na língua. Ela é parte da língua [...] seria muito importante que a escola concedesse mais espaço a um trabalho de análise sobre os fatos da língua. Uma análise que tivesse base científica e, assim, se soltasse das impressões pessoais e das concepções ingênuas do senso comum. Uma análise que se detivesse nos aspectos mais relevantes de sua constituição; ou seja, na língua enquanto fato social, vinculado à realidade cultural em que está inserida e, assim, sistema em constante mutação e a serviço das muitas necessidades comunicativas de seus falantes. Uma análise que incluísse, evidentemente, questões de gramática, mas que soubesse ir muito além do que descrevem ou prescrevem os manuais.

O objetivo desse ensino não está em deixar ou das regras de lado, pelo contrário elas devem ser empregadas, mas no seu momento ideal. De acordo com os PCNs do estado de Pernambuco, pode-se aplicar a seguinte metodologia para que se tenha um ensino eficaz:

O trabalho a ser feito em sala de aula, portanto, é mais amplo que o de ensinar apenas a gramática da “norma padrão” e, para realizá-lo, a abordagem do texto, e não da frase isolada, ganha centralidade. É no contato com bons textos, com textos diversos, produzidos em contextos de maior ou menor formalidade, nas modalidades oral e escrita, que os estudantes vão aprender a refletir sobre a língua e sua gramática, reconhecendo seus usos eficientes e criativos ([BRASIL, 1999, p. 46](#)).

Um ensino contextualizado é capaz de garantir aos alunos o acesso constante aos vários tipos e gêneros textuais, para que eles sejam capazes de interpretar qualquer texto e de alcançar o êxito nas variadas situações de comunicação. Infelizmente, são poucos os profissionais que inserem o texto como ênfase da aula de língua portuguesa, o que é necessário e preciso em todas as aulas. Geralmente, o tem-

po é ocupado com análises sintáticas e morfológicas de frases descontextualizadas, sem que ao menos reflitam sobre a tradição, sem fazer paralelo entre a norma e o uso. E pouco se tem trabalhado a escrita de textos, para que haja um paralelo entre a delimitação temática e o gênero textual a ser desenvolvido, pouco exercício da oralidade formal e quase nenhuma atividade voltada à ampliação do repertório vocabular (à exceção dos ditados).

É necessário que haja a compreensão dos docentes e tragam para suas aulas metodologias como as citadas acima, para que haja um desempenho dos alunos nas aulas de língua portuguesa e que eles ampliem sua competência comunicativa e apliquem a língua materna com propriedade. Sem práticas como essas, continuará a se perpetuar a falsa ideia de que os alunos não sabem falar e usar o português, desconsiderando o que eles já dominam.

Metodologia

O primeiro momento da pesquisa foi realizado com professores do ensino fundamental, médio e superior do curso de licenciatura em letras para verificar como eles ensinam gramática e se têm em mente novas perspectivas de ensino. No segundo momento, a pesquisa foi utilizada com alunos da rede municipal e estadual, ambas de escola pública e privada com séries do ensino fundamental e médio e com alunos graduandos do curso de Licenciatura em Letras.

Para a coleta de dados foram utilizados dois tipos de questionários, um contemplando questões para professores e o outro para alunos, tendo apenas questões abertas com o objetivo de analisar e refletir a opinião dos alunos e professores. O meio utilizado para a coleta de dados, o questionário, é de grande importância, pois o questionário é uma ferramenta de coleta de dados, formada por uma sequência de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem presença do entrevistador.

As questões que foram utilizadas, tanto para os alunos quanto para os professores, foram de grande relevância, uma vez que os questionamentos para os alunos contemplam aspectos de aprendizagem da gramática e quais são as barreiras encontradas nessa disciplina. E, para os professores, como eles ensinam e quais as metodologias que usam, a fim de chegar a determinada conclusão. Os professores que responderam aos questionamentos não tiveram sua identidade exposta por questão de ética e privacidade, sendo perguntado somente o vínculo empregatício. Já os alunos foram indagados apenas em relação ao ensino e ao tipo de instituição a fim de que respondessem às questões com o máximo de liberdade, sem nenhum tipo de pressão ou de constrangimento.

Os dados foram coletados nas cidades de Serra Talhada - PE e Santa Cruz da Baixa Verde - PE, em distintas instituições de ensino fundamental e médio em escolas públicas e particulares. No que se refere à coleta de dados de estudantes, ela aconteceu nas faculdades e universidades que contemplam o curso de Licenciatura em Letras. A pesquisa resultou da contribuição de 90 pessoas, sendo que 18 são professores e 72 são alunos.

Dos docentes que responderam aos questionários, todos eles são graduados, especialistas e alguns deles até mestres e têm muitos anos de experiência na área com turmas de ensino fundamental e médio. Dos alunos que responderam aos questionários, 13 são alunos universitários do curso de licenciatura em letras, 20 são discentes do ensino fundamental da rede pública, 12 são do ensino fundamental da rede particular, 18 são do ensino médio da rede pública e 21 são do ensino médio da rede particular.

Análise e Discussão dos Dados com Professores

Na análise com os docentes buscou-se verificar as metodologias usadas no ensino da língua materna, dando-se ênfase no ensino gramatical, para entender se utilizam em suas aulas uma gramática contextualizada, preparando o aluno para além da avaliação, ou uma gramática descontextualizada, com ênfase apenas em usos de regras e nomenclaturas.

Vale salientar que esta pesquisa não tem como objetivo desprezar a gramática normativa, pois sabe-se que ela é essencial na estrutura da língua portuguesa; a meta é fazer com que ela seja usada de forma contextualizada e que o falante se aproprie da sua língua com domínio. Analisaremos a partir de agora a resposta dos professores de acordo com os questionamentos que foram utilizados.

Gráfico 1: Entendimento dos professores sobre o que é gramática

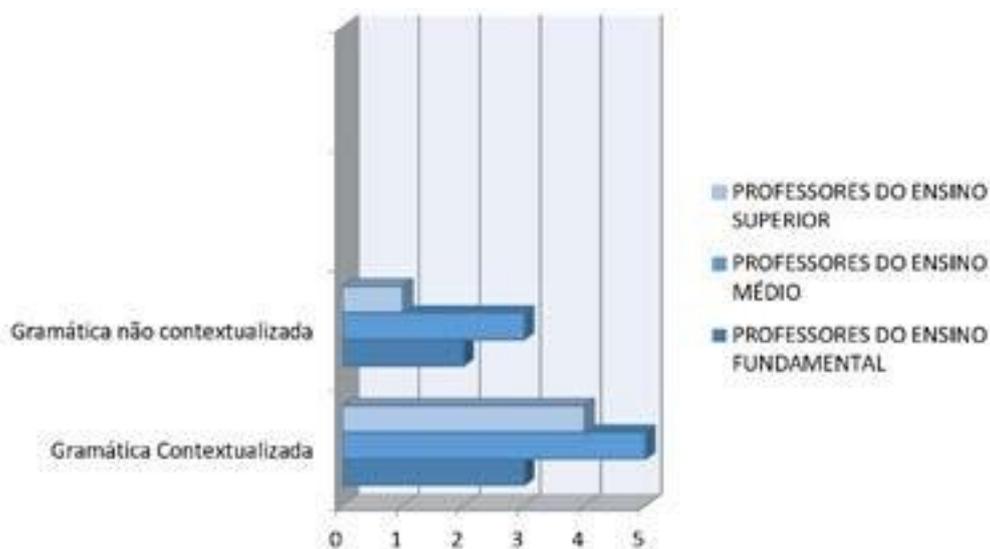


Fonte: elaborado pelos autores.

Quando questionados sobre o conceito de gramática, obteve-se três respostas distintas, em que sete professores afirmaram que gramática seria um manual de regras que ajuda a falar e escrever, três dizem que é um sistema que contempla aspectos da língua e sete julgam que é um conjunto de regras que estruturam a língua. Observa-se no gráfico acima que mesmo os docentes sendo de

diversas modalidades de ensino, obteve-se respostas semelhantes, em que na visão de cada um a gramática é vista de uma forma diferente.

Gráfico 2: Como os professores trabalham a gramática em sala de aula

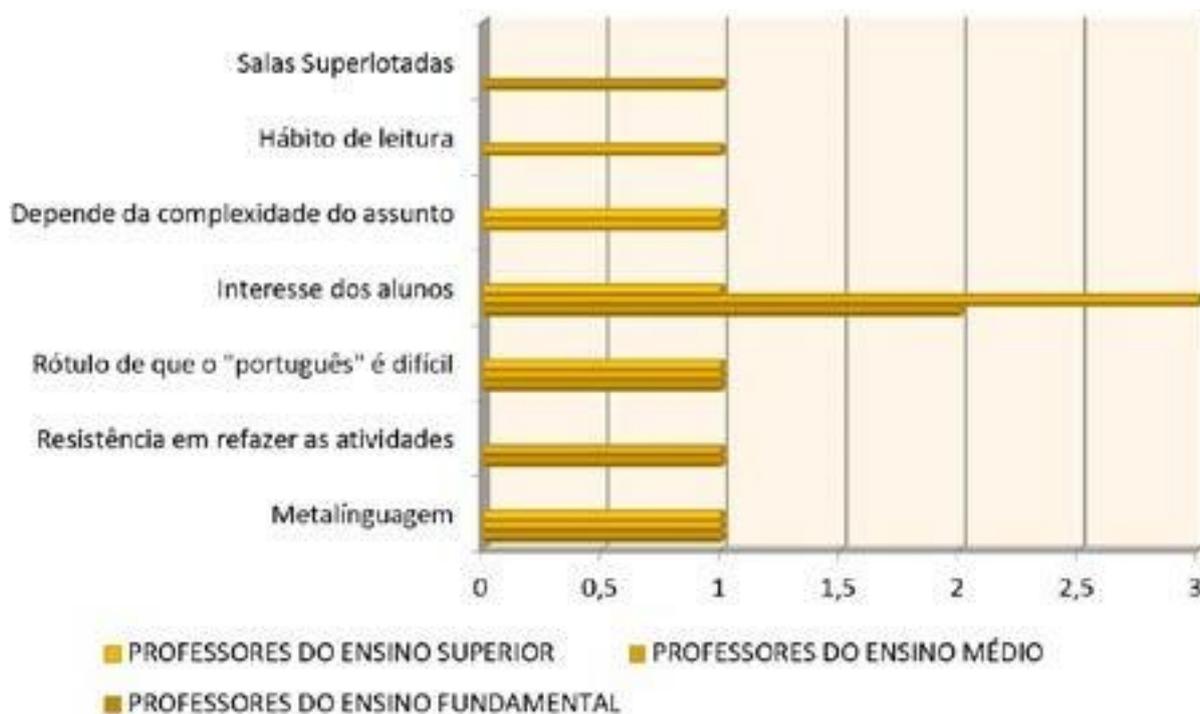


Fonte: elaborado pelos autores.

O segundo questionamento feito aos docentes foi a forma que eles trabalham a gramática e quais são os métodos utilizados. E obteve como resultado que três professores do ensino fundamental, cinco do ensino médio e quatro do ensino superior utilizam uma gramática contextualizada, totalizando um número de 12 professores. Dentre os que afirmaram que usam a contextualização, inserem em suas aulas diversos textos e interpretações para mostrar a função daquela palavra dentro do contexto.

A pesquisa, no entanto, teve um resultado preocupante, pois seis professores ainda priorizam o tradicionalismo e utilizam a gramática descontextualizada, mesmo conhecendo as propostas dos PCNs, que deixam claro que a gramática deve ser ensinada em uma proposta contextualizada. De acordo com [Luft \(2008, p. 65\)](#), a impressão que fica é que professores de idioma nacional estão ensinando português a estrangeiros. Os professores universitários reconhecem bem mais a importância do ensino contextualizado da gramática.

Gráfico 3: Dificuldades enfrentadas pelos professores para ensinar gramática



Fonte: elaborado pelos autores.

No gráfico acima é possível encontrar alguns problemas que interferem no ensino-aprendizagem da língua portuguesa e inclusive a gramática. Alguns professores afirmam que não se tem um ensino de qualidade devido a salas superlotadas e indisciplina dos alunos. Outra grande dificuldade apontada para a aprendizagem é o estigma ou rótulo de que, segundo a maioria dos alunos, o “português é difícil”. Em comparação com o Gráfico 2, percebe-se que muitos ainda aderem ao ensino prescritivo e ainda falta muito para alcançar as propostas apresentadas pelos PCNs.

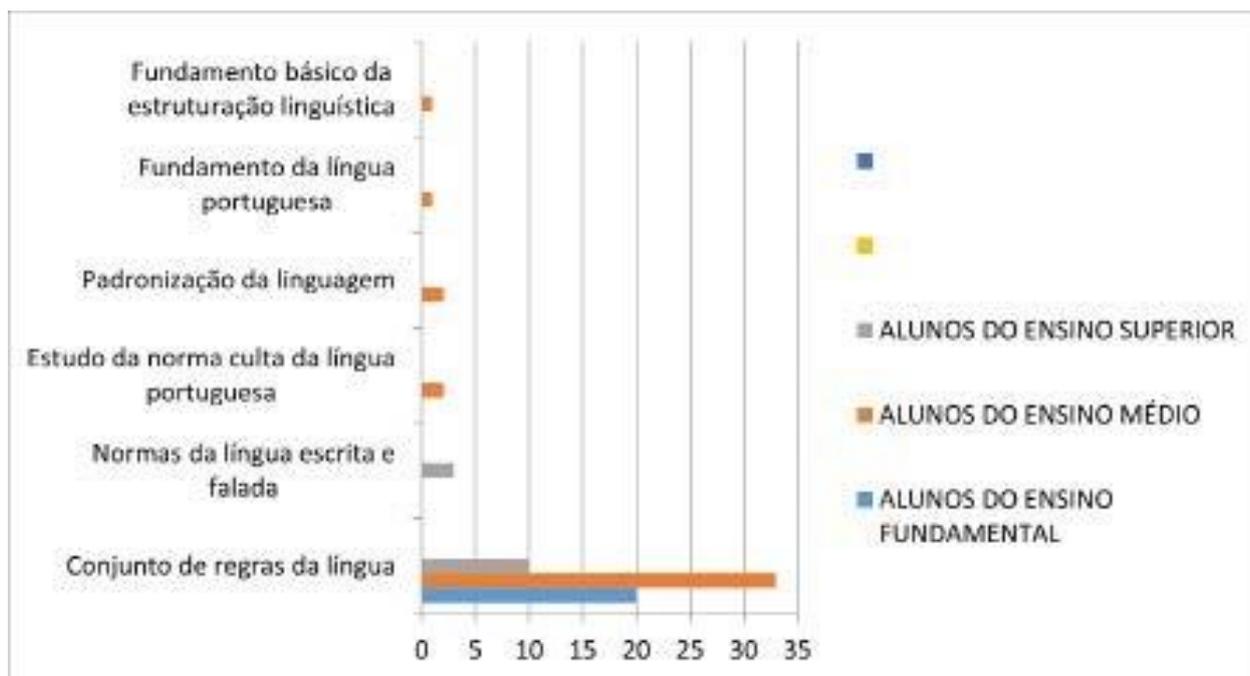
O professor de língua portuguesa tem como função facilitar a aprendizagem para o aluno, mas muitas vezes acaba dificultando, pois a disciplina passa a ser interpretada como uma língua desconhecida. A nossa língua é ensinada através de regras gramaticais; no entanto, o falante já traz consigo um conhecimento gramatical internalizado e que deveria apenas ser aprofundado de uma forma que ele tivesse convicção do estar aprendendo e não tendo “medo” da sua própria língua.

Segundo [Irandé Antunes \(2003, p. 155\)](#), um dos problemas causados pelo ensino é que muitos professores ainda veem a avaliação com uma finalidade única, em que a aula é dada para preparar os alunos para irem bem durante a prova. Esse entendimento acaba acarretando muitos prejuízos, porque o material didático passa a ser visto como suporte único e indispensável no processo de ensino.

Análise e Discussão dos Dados com Alunos

Esta seção tratará dos questionamentos feitos com os alunos do ensino fundamental e médio da rede pública e privada e com alunos graduandos do curso de Licenciatura em Letras. Portanto, percebe-se que a maioria dos alunos não consegue compreender os conhecimentos da gramática normativa.

Gráfico 4: Entendimento dos alunos sobre o que é gramática

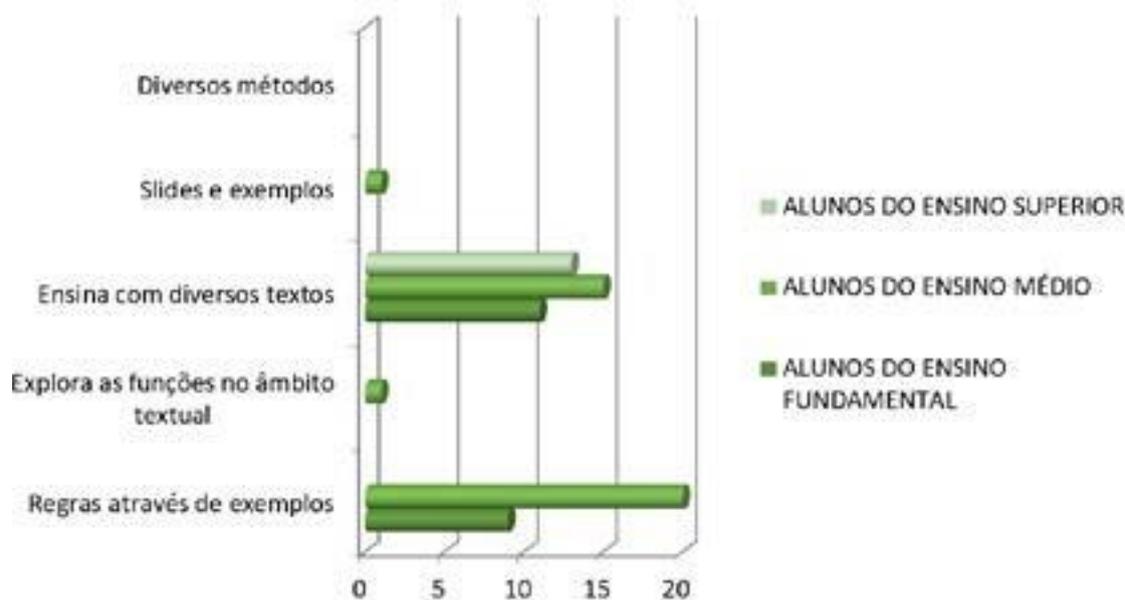


Fonte: elaborado pelo autor.

Assim como no questionário dos professores, iniciou-se sobre o que seria a gramática. O resultado da pesquisa realizada com os alunos foi semelhante: independentemente de ser escola pública ou particular, obteve-se seis tipos de respostas, sendo que a resposta mais comum foi de que a gramática é “conjunto de regras da língua”, tendo como informantes para essa resposta 20 alunos do ensino fundamental, 33 do ensino médio e dez do ensino superior.

Nota-se que a maioria dos alunos do ensino fundamental e médio conhece a gramática somente como “regras”, pois vivem em suas aulas um ensino muito prescritivo, apegado ao tradicionalismo. Com essa pesquisa pode-se verificar também que os alunos que cursam a Licenciatura em Letras, mesmo já tendo vivenciado um ensino totalmente prescritivo, demonstram certo desinteresse com a proposta de gramática contextualizada e aparentam que em suas aulas farão da mesma forma, apesar de os professores universitários mostrarem a importância de um ensino contextualizado na vida do aluno.

Gráfico 5: Como o professor ensina gramática - percepção dos alunos



Fonte: elaborado pelos autores.

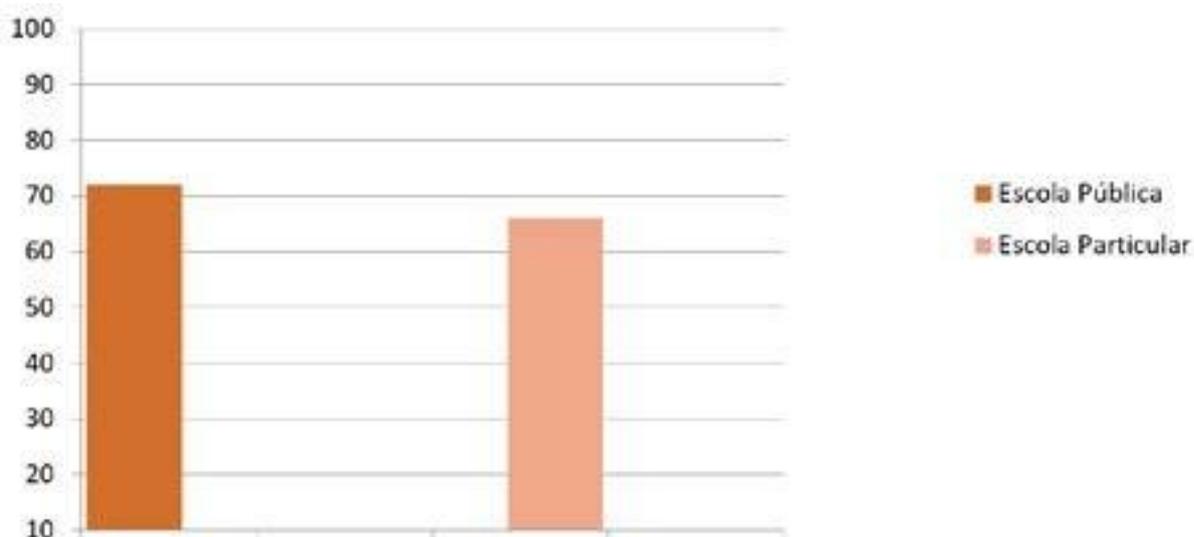
O gráfico acima mostra, da perspectiva dos alunos, como o professor trabalha com a gramática em suas aulas. Verificou-se que os professores utilizam diversos métodos, como citados acima, mas 29 alunos afirmam que ainda aprendem a gramática somente de forma tradicional, o que é um número alarmante de alunos que vivenciam a gramática descontextualizada.

Para os PCNs,

a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais as variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. Não há dúvida de que deve ensinar a gramática normativa nas aulas de língua portuguesa, embora sabe-se perfeitamente que ela em si não ensina ninguém a falar, ler e escrever com precisão (ANTUNES, 2003 p. 53).

“A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento linguístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa” (BAGNO, 1999, p. 56).

Gráfico 6: Diferenças do ensino de gramática entre a escola pública e particular participantes do estudo



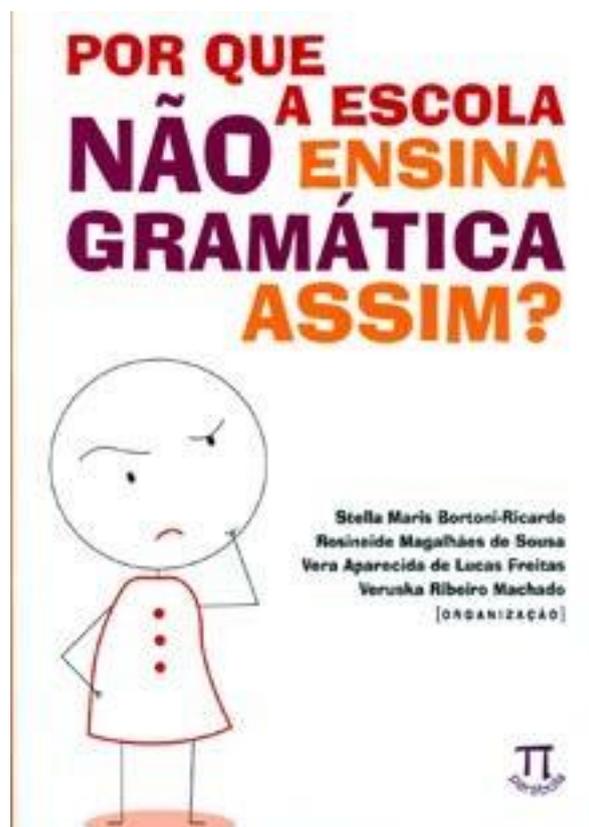
Fonte: elaborado pelo autor.

O gráfico acima refere-se ao uso da gramática de forma tradicional: 72% dos alunos do ensino médio da escola pública e 66% dos alunos da escola particular afirmam que os professores ensinam a gramática sem contextualizá-la. Em comparação com os resultados dos professores, sobre essa mesma questão, nota-se resultados divergentes, uma vez que os professores, em sua maioria, são categóricos ao afirmarem que ensinam gramática contextualizada. Foi observado também que o número de alunos da escola particular apresenta uma diferença mínima se comparada ao ensino da escola pública. Apesar de a sociedade apresentar outro olhar ao ensino da escola particular, ela é semelhante à escola pública. Uma das docentes da escola particular justifica um ensino de gramática mais voltado a regras devido aos vestibulares externos de algumas instituições nas quais é cobrada mais a gramática propriamente dita do que a contextualização.

Oficina de Gramática Contextualizada apresentada a professores da Educação Básica

Uma oficina de gramática contextualizada foi apresentada na III Semana Acadêmica da Autarquia Educacional de Serra Talhada, em Serra Talhada - PE, no dia 17 de agosto de 2017, com o objetivo de discutir todo o conteúdo exposto neste artigo com professores da educação básica, além de propostas e sugestões de atividades de gramática contextualizada. Durante a oficina foi observado que muitas professoras não tinham um devido conhecimento sobre os teóricos que trazem o texto como prioridade no ensino da língua materna. As propostas apresentadas na oficina foram retiradas do livro: *Por que a escola não ensina gramática assim?*, dos autores Stella Maria Bortoni-Ricardo *et al.* (2016).

Imagem 1: Capa ilustrativa do livro



Fonte: Bortoni-Ricardo *et al.* (2016).

Com a exposição desse livro, os autores sugerem algumas formas de trabalhar a gramática contextualizada, dentre as quais estão as seguintes:

1. Estimular os alunos a produzirem textos orais e escritos - Para intensificar a segurança linguística do aluno, o professor pode realizar a gravação de conversas, seguidas de sua análise linguística. A escuta de textos gravados em situações autênticas de interlocução pode ajudar o aluno a entender o caráter social do discurso. Sempre que se promover uma atividade de escuta, de leitura ou de análise linguística, é interessante que culmine na produção de um texto cujo gênero deve corresponder àquele trabalhado.

2. Ensinar os alunos a usarem o dicionário e a gramática em sala de aula - O professor deve incluir a prática de leitura de dicionários e gramáticas. Saber ler esse tipo de texto faz parte das competências de um leitor proficiente.

3. Tornar os alunos proficientes na leitura - Quanto mais o aluno ler, mais seguro ficará diante da norma padrão. O professor deve selecionar textos representativos dos mais diversos gêneros textuais e que façam sentido e despertem interesse nos alunos. Devem ser realizadas aulas específicas de leitura.

Todas essas propostas de atividades foram apresentadas para as professoras da educação básica no intuito de que pudessem incrementar os seus planejamentos e apresentar propostas de uma gramática contextualizada, já que algumas mostraram certo desentendimento sobre o assunto. A seguir serão apresentadas algumas imagens da culminância da oficina de gramática contextualizada.

Figura 1: Abertura da Oficina de Gramática Contextualizada



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 2: Apresentação do painel de autores que tratam da gramática contextualizada



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 3: Abordagem dos teóricos acerca da gramática contextualizada



Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 4: Apresentação e sugestões de atividades de gramática contextualizada



Fonte: elaborado pelos autores.

Considerações Finais

Com base no estudo realizado de forma bibliográfica, pesquisa de campo e exposição em oficina, pode-se afirmar que os aspectos apontados e discutidos neste artigo trazem um grande desafio para os educadores, observando-se também que os alunos têm grande dificuldade com a gramática normativa. Alguns até conseguem identificar as regras e suas funções, porém não conseguem aplicá-las no cotidiano e nas produções de texto. Nota-se que os professores precisam incentivar os discentes com aulas mais reflexivas nas quais o conteúdo seja aplicado com a realidade de cada um e que o estudo da língua seja contemplado em oralidade e escrita. Faz-se necessário que os professores deixem de lado a gramática tradicional, levando-a para suas aulas apenas como um suporte e enfatizando a contextualização, que unam a teoria e a prática, ou seja, a gramática ao contexto, para que os alunos sintam e percebam que a gramática é imprescindível e relevante na vida deles. Para que os professores sejam capacitados a aderir a essa proposta de contextualização, é recomendado que façam leituras das obras dos seguintes autores: Irandé Antunes, Travaglia, Bagno e Luft.

Referências bibliográficas

ANTUNES, I. C. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental e Médio**, 1999.

LUFT, C. P. **Língua e liberdade por uma nova concepção de língua materna** 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

SISTEMA NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA - SAEB. 2014-2015. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/resultados/2015/resumo_dos_resultados_saeb_2015.pdf Acesso em: 25 ago. 2022.

TRAVAGLIA, C. L. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.